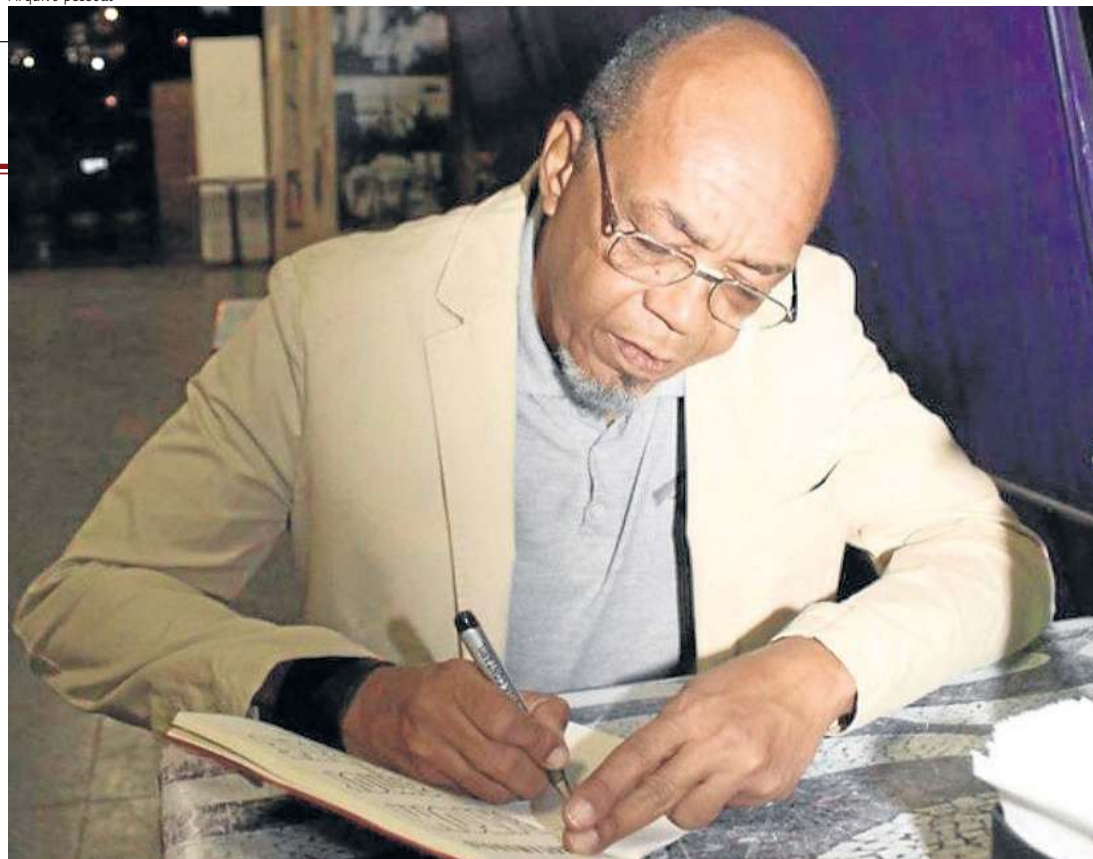


A importância da arte

Ser artista, no Brasil, é seguir um caminho desafiador. Quando se é poeta negro, as barreiras a serem superadas são ainda maiores. Jorge Amancio, do alto de seus 72 anos, sabe bem o que essa realidade significa. Nascido no Rio de Janeiro, chegou à capital em 1976. “Nessa batalha diária, consegui ter cinco livros publicados, dentre eles os dois mais recentes: *Haikus em preto e branco*, pela AVÀ, e *Leopardo que mata moscas inoportunas*, pela Aldeia de Palavras, ambos em 2023”, menciona.

Quando o escritor afrodescendente publica um livro, é hora de comemorar — e muito. Assim acredita Jorge, pois poucos têm a dimensão do quão difícil é superar esse primeiro degrau, sobretudo no que diz respeito à parte financeira. Isso, incluindo as dificuldades que é conseguir uma editora. “Pensei várias vezes em desistir”, confessa. O primeiro livro foi publicado em 2007. Nessa época, ele já tinha um grau de maturidade elevado, graças ao convívio com os movimentos negros da cidade.

A casca, se assim pode ser chamada, estava mais forte do que nunca. Aprendeu a lidar com as dificuldades, as críticas e a experiência de ser poeta negro. Para se tornar um dos grandes artistas de Brasília, assumiu a poesia como arte de primeira grandeza. Sendo artífice da palavra, como gosta de descrever, passou a ser mais



Jorge Amancio é um dos principais poetas negros de Brasília

atento e observador, estudando todas as ferramentas para desenvolver sua escrita da melhor maneira possível. Desse modo, o reconhecimento pelo trabalho chegaria inevitavelmente.

É necessário, em sua visão, estar sempre conversando, aprendendo e participando. Ser um rosto para aqueles que almejam pode ser, por vezes, um fardo. Mas, sem dúvidas, um grande privilégio. “A arte pode representar uma época, uma imagem, um conteúdo, uma música de palavras grafada no universo das artes. Pode-se, sim, colocar a poesia em prol de um movimento, a poesia da negritude, a poesia feminina, a poesia LGBTQIA+,

a poesia por uma causa”, pontua Jorge.

Um impacto de suma importância e essencial para a luta contra as desigualdades. A escrita faz parte integral da rotina do artista, que continua sendo um exímio curioso desse bem milenar. “Tenho trabalhado poemas afrofuturistas, em que a raça negra é a protagonista, com seus ancestrais, numa visão do Cosmo para um futuro. Estou numa fase boa no campo da produção, tenho três livros afrofuturistas, poesia de invenção, poesia de circunstância e muitos outros poemas prontos para publicar. Enquanto existirem palavras, o elemento básico da criação poética, vamos trabalhando.”

trabalhos mais importantes a serem feitos — ao menos que a sociedade deveria considerar. De acordo com a professora, ilustrar as condições nas quais a população negra e indígena foi colocada em uma posição de subalternidade, tanto do ponto de vista material quanto simbólico, é um caminho para se pensar na desconstrução do racismo.

“Precisamos de legislações muito robustas e ações e práticas no estado brasileiro. Competentes, qualificadas e direcionadas para coibir as violências

que extirpam corpos negros, de homens negros e mulheres negras, de uma forma estarrecedora, excludente e absurda. Temos situações que estão se complicando cada vez mais, do ponto de vista dessa violência do Estado, dessa questão desse perfilamento racial. Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo, o Brasil como um todo, mas esses três estados estão se destacando muito em relação à violência sobre esses corpos negros”, esclarece Renísia.

Em relação a figuras negras em posições

de destaque, a coordenadora afirma que a questão da representatividade é algo que se coloca e se impõe vergonhosamente devido à ausência desses indivíduos em postos hierárquicos mais altos, como doutores, professores, médicos ou engenheiros. “É vergonhoso, no país onde cerca de 56% a população se autodeclara negra, você ter poucos diplomatas, poucas pessoas de referência que sejam negras, isso é regulador do racismo. A representatividade se coloca como uma necessidade”, acentua.